

EXCELENTÍSSIMOS
SENHORES

RUBEM MARTINS AMORESE

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 1995 by Rubem Martins Amorese

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

Capa:
Sônia Couto

Sobre "Lugar Guardado" — escultura em ferro de
Rosana Faria Basile (1999)

2^a Edição:
Novembro de 2000

Revisão:
Antônio Carlos W. C. Azeredo

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Amorese, Rubem Martins, 1951-

A524e Excellentíssimos senhores / Rubem Martins Amorese. 2.
2000 ed. — Viçosa : Ultimato, 2000.
 200 p.

ISBN 85-86539-36-8

1. Ética cristã. 2. Comunicação - Aspectos religiosos. 3.
Família - Vida religiosa. 4. Liderança cristã. 5. Religião e
política. I. Título

CDD. 19.ed. 241
CDD. 20.ed. 241

2000

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa - MG
Telefone: (31) 3891-3149 — Fax: (31) 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br

*Aos meus primeiros cabelos
brancos — em tua cabeça*

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação	13

ÉTICA

1. Excelentíssimos Senhores: Paternidade e Ira Urbana	17
<i>A expressão consagrada "todo povo tem o governante que merece" encontra, aqui, o reverso da moeda. A "paternidade social" mal exercida pode criar um exército de filhos pusilâniames.</i>	
2. Aborto: A Ética do Caçador	31
<i>Temos conversado muito sobre o que é legal ou ilegal; o que é correto ou incorreto; o que é direito da mãe e o que é direito do feto. Imaginemo-nos, agora, tentando explicar ao próprio bebê os motivos pelos quais ele vai ser sacrificado. O que ele diria de nossa lógica e de nossos motivos?</i>	
3. Heresia e Ética	39
<i>A igreja evangélica é herética, no sentido de que herdou um dos postulados da Reforma: a liberdade de optar. Se "hairein" significa opção, relativização e rompimento com o estabelecido, então precisamos também nos perguntar sobre os limites dessa liberdade.</i>	
4. Dá Licença?! — Reflexões sobre Modernidade, Ética e Igreja	41
<i>Nunca, em toda a história da humanidade, uma cultura foi tão global, tão abrangente e tão padronizadora quanto a moderna cultura de mercado. Nunca, portanto, a igreja enfrentou tantos desafios a um discipulado genuíno e bíblico.</i>	

COMUNICAÇÃO

5. Comunicação & Encarnação	61
<i>Vivemos um paradoxo, em termos de comunicação do evangelho: por um lado, nunca houve tantas facilidades de apresentá-lo e de obter sua aceitação; por outro, nunca os efeitos dessa evangelização foram tão questionáveis e questionados. Qual é o problema?</i>	
6. Extensão Rural e Comunicação por Identificação: Uma Proposta Cristã de Mudança Social	69
<i>Por que o profissional de comunicação para o meio rural ainda busca um paradigma ideal de "métodos de transferência de tecnologia", se esse paradigma perfeito já foi concebido, aplicado, comprovado e está para comemorar dois mil anos?</i>	
7. Livraria Evangélica: <i>Franchising</i> do Reino	79
<i>Você usaria o púlpito para proferir um sermão cujo conteúdo alguém lhe encomendasse e com o qual você não concordasse? Você deixaria alguém subir no púlpito de sua igreja para pregá-lo, uma vez que você não o faz? Você divulgaria uma idéia que você acha danosa para sua congregação? Você divulgaria um livro com essas idéias? Você sabe o conteúdo dos livros que está vendendo?</i>	

FAMÍLIA

8. Autoridade e Submissão na Família	93
<i>Talvez seja hora de parar de perguntar quem deve mandar e quem deve obedecer, e procurar saber qual é a missão e a submissão reservadas à família cristã. Velhos paradigmas podem ser estremecidos, a partir dessa abordagem.</i>	
9. Sexo Antes do Casamento	113
<i>Falar sobre sexo para a geração da virada do milênio exige uma contextualização de termos e de atitudes. Não cabem mais os dogmatismos, as ameaças e muito menos os fantasmas de antigamente. Se o jovem deve aguardar o casamento, ele precisa ser convencido disso, para que tenha forças para lutar.</i>	

LIDERANÇA

10. Integridade & Credibilidade	127
<i>Atitudes, métodos, processos e técnicas de liderança devem guardar profunda identidade com a missão proposta. Peixes não lideram gansos selvagens em revoadas de inverno. Lobos não lideram ovelhas a pastagens — comem-nas!</i>	
11. Liderança Espiritual ou Eclesiástica? — O Fio de Navalha	133
<i>Embora a liderança eclesiástica possa, também, envolver liderança espiritual, há um fio de navalha a separar as duas. Não seguem, necessariamente, o mesmo caminho. Não levam, necessariamente, ao mesmo lugar.</i>	

12. Liderança e Comunicação à Luz da Bíblia	139
<i>A comunicação que se deve estabelecer entre líder e liderado vai muito além das palavras. É ato de "armar tenda", que se derrama em solidariedade e identificação.</i>	

POLÍTICA

13. Ester e a Política	149
<i>Quando o servo de Deus, eventualmente colocado por Ele em um centro de poder, dispõe-se a pagar o preço exigido pela missão, então sua presença ali se transforma em bênção. O perigo, sempre, é o do "descolamento das bases", facilitado por um Mordecai fraco e mal preparado — a igreja.</i>	

14. Comunicação de Massa e Democracia: A Ótica do Consumidor	157
<i>Haverá meios de o povo de Deus resistir à avalanche de pornografia e violência provindos dos meios de comunicação de massa?</i>	

IGREJA

15. Celebração e Liturgia numa Sociedade Pluralista	163
<i>Quais as escolhas que uma sociedade pluralista oferece a um cristão, num domingo pela manhã? Deveria ele provar das variadas iguarias constantes do "cardápio" evangélico ou simplesmente permanecer no "feijão-com-arroz" de sua igreja?</i>	

16. Páscoa: Um Monólogo de Celebração	167
<i>Um monólogo, no qual a crucificação e ressurreição de Jesus são celebradas, da perspectiva imaginária de alguém que viu mais que os guardas, os discípulos e mesmo Maria.</i>	

17. Cidade Moderna: Desafio à Igreja	179
<i>Quando um computador sofre sobrecarga (inputs), ele precisa se adaptar, mediante diversos mecanismos. Quando a mente do homem moderno sofre excesso de demanda, ela também se adapta. Que efeitos esses mecanismos trazem sobre a vida comunitária da igreja?</i>	

18. O Ensino Bíblico na Igreja: Questão de Identidade	189
<i>O modelo de ensino bíblico de uma igreja não deve ser visto apenas como uma questão técnica. Antes disso, deve-se atentar para o fato de que se trata de um mecanismo de reprodução de uma identidade eclesiástica. Nossos alunos, por mais que nos esforcemos em contrário, tenderão a ser o que somos. Muda a igreja, muda seu ensino.</i>	

PREFÁCIO

Passo pela vida como um transeunte a caminho da eternidade, feito à imagem de Deus mas com essa imagem aviltada, necessitando de que se lhe ensine a meditar, adorar, pensar.

— Donald Coggan

Uma das grandes lacunas da igreja evangélica, hoje, é a de pessoas que refletam, a partir de uma ótica cristã, temas que envolvem as preocupações do dia-a-dia da vida humana. A reflexão teológica é, sem dúvida, uma das grandes carências da igreja moderna. Vivemos um momento na história da igreja em que a busca por soluções mágicas e instantâneas, a corrida atrás de experiências religiosas, a busca por cultos e celebrações em que cada vez mais estica-se o tempo do "louvor" e diminui-se o tempo da pregação, se é que podemos chamar de pregação o que se ouve por aí, vêm substituindo gradativamente a árdua tarefa de pensar e refletir teologicamente.

Este livro é o resultado de alguns anos dedicados à tarefa da reflexão teológica. O autor, muitos já o conhecem de outros livros, não é um teólogo profissional, desses que passaram a vida toda em cursos de teologia, mas um leigo que leva a sério sua fé e não poupa esforços para torná-la relevante e consistente. Neste livro, o leitor encontrará textos com temas sobre família, sexo, política, ética, comunicação, igreja, liderança etc., onde cada assunto é analisado a partir das perguntas e inquietações dos nossos dias. Como já disse, é o resultado de anos dedicados ao exercício de criar a ponte entre esses temas variados e a fé cristã, a Bíblia e a história.

12 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

Para que a tarefa da reflexão bíblico-teológica obtenha os resultados desejados, são necessários alguns pré-requisitos. Primeiro, é preciso que aqueles que se lançam a essa tarefa o façam com uma profunda consciência de temor e submissão à Palavra de Deus. Não se trata de uma especulação filosófica mas de uma busca pela verdade do evangelho. Para que isso ocorra, a centralidade das Escrituras deve ocupar a mente e o coração de quem se lança nessa tarefa. Segundo, é necessário que essa reflexão nasça de uma profunda vivência comunitária. Ou seja, ela não pode ser fruto apenas do academicismo frio e alienante daqueles que se trancam em bibliotecas, mas o resultado da experiência vivida na comunidade da fé e do diálogo que nasce dessa experiência. Terceiro, é uma tarefa que exige uma mente cristã.

Muitos temas abordados neste livro não têm respostas objetivas e claras na Bíblia. Encontramos na Palavra de Deus princípios que nos ajudam a formar opinião sobre os mais diferentes temas relacionados com a vida, mas nem sempre todos os temas que nos preocupam têm suas respostas de forma objetiva nas Escrituras. Daí a importância de construir uma mente cristã, aprender a pensar de forma cristã, para construir idéias que refletem o pensamento de Cristo.

Esses pré-requisitos estão presentes na experiência do autor. Sua preocupação tem sido a de contribuir com a igreja evangélica no Brasil, levando-a a pensar sobre os diferentes desafios que a rodeiam. Sua reflexão nasce de sua vivência na igreja, de sua reverência e seriedade no estudo das Sagradas Escrituras e do desenvolvimento de uma mente que procura pensar a partir de referenciais cristãos. Rubem não tem a preocupação de apontar respostas para todas as perguntas. Em alguns dos textos ele conduzirá o leitor pelos labirintos das tensões vividas pela igreja, levantando perguntas e sugerindo caminhos. As respostas serão encontradas por cada leitor, à medida que se dedicar, junto com o autor, à tarefa de refletir.

Sou grato a Deus por ver no mercado literário evangélico brasileiro uma obra como esta. Minha esperança é que estes textos sejam largamente usados pelos cristãos em seus grupos de estudo e reflexão, nas Escolas Dominicanais, provocando um processo de busca pela verdade, enfrentando com coragem os desafios que temos pela frente, conclamando irmãos e irmãs a se aventurarem no caminho da reflexão teológica, livrando a igreja evangélica da mediocridade e da passividade.

Ricardo Barbosa de Sousa

APRESENTAÇÃO

— Aqui está um livro com boas chances de encalhar nas prateleiras e dar prejuízo à editora.

Era o que eu pensava, quando da primeira edição, por dois motivos. Primeiro, porque é um livro grosso e eu adotava a crença de que evangélico não lê livros com mais de 120 páginas. Segundo, porque é um livro de reflexões, oferecido a um público que — diz-se — não gosta de pensar. Não sei de onde tirei essas idéias. Talvez de alguma análise do antiintelectualismo evangélico, em todo o mundo. Terceiro, porque é uma coleção de artigos sem uma história única, à semelhança desses discos em que autores conhecidos reeditam suas músicas e incluem uma ou duas novas, obrigando os fiéis consumidores a pagar por um CD inteiro para levar duas ou três trilhas inéditas.

Pois bem, eu estava errado em pensar assim. Era tudo preconceito. E isso fica claro com esta reedição. E tem mais: pelo que pude saber, o povo não somente comprou, mas leu. Sei disso também pelas críticas que me chegaram.

Folheando novamente suas páginas, percebo que, de alguma forma, este trabalho se transformou em uma obra histórica. Não tanto pela sua importância literária; muito menos pelo peso de seu conteúdo, mas sim pelos registros que contém. Com seus temas variados, ele retrata um período da minha vida, com certeza. Não é um livro de filosofia ou outro tema teórico. É um retrato da vida. Com todas as suas limitações, ele fala com clareza das angústias e *insights* de um cristão classe média, funcionário público, comprometido com seu Senhor, que procura integrar sua fé à sua vida profissional, familiar, acadêmica, política e eclesiástica. Relendo *Excelentíssimos Senhores* sob este aspecto, pude revisitar as

14 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

tensões, problemas e dilemas existenciais contidos em cada tópico. Muitos poderiam ser reescritos, hoje, pensei eu. Mas as soluções não seriam mais claras ou definitivas. Na verdade, boa parte da citada angústia consiste em não se alcançar o repouso de propostas claras e definitivas para os desafios apresentados. A caminhada ética é lenta e cada vez mais casuística. Precisamos nos contentar com caminhos e direções. As soluções específicas — e seus preços — terão de ser encontradas por cada um, em cada passo dessa caminhada.

Para além disso, no entanto, o livro esconde um retrato falado da Igreja Presbiteriana do Planalto, inserida, como sempre procurou estar, na palpítante, tensa, mutante e conflituosa agenda da igreja evangélica brasileira de hoje. Percebe-se, então, que suas páginas registram um pensamento muito mais abrangente que as modestas opiniões do autor. Quem souber ler, encontrará nelas fragmentos interessantes e curiosos da história particular de uma igreja, bem como da igreja evangélica no Brasil. Este parágrafo pode soar pretensioso, bem sei. Por isso me apresso em consignar que não há como evitar essa inserção, senão ao preço da alienação total. O acerto ou equívoco das abordagens e encaminhamentos serão revelados por essa mesma história da qual participamos. Seja Deus misericordioso para conosco.

A caminhada é lenta e os casos precisam ser tratados um a um porque já se foi o tempo das regras tipificadoras de condutas aceitáveis ou pecaminosas. Eis que surge a era do novo. Conquanto normas de conduta bem definidas dessem aos nossos pais o conforto da segurança, deixaram-nos em apuros, no momento em que as circunstâncias vivenciadas não encontravam mais correspondência com aquelas regras. Perdemos a condição, então, de aplicar o que chamávamos de "conselho de Deus", e que mais funcionava como um código de ética, para não falar de um código penal eclesiástico. Com o alvorecer do dia das liberdades, em todo o mundo ocidental, a igreja se vê às voltas com seu legalismo em frangalhos. É tempo, então, de radicalizar: de voltar às raízes e aos princípios norteadores do evangelho. Somente a partir de princípios bem fundamentados na Palavra é possível viver estes tempos de liberdade e confusão. Torna-se necessário, entretanto, grande dose de unção, que se manifesta no precioso dom do discernimento. Precioso porque raro.

Àqueles que se dedicam a discernir os caminhos de Deus nestes tempos de gatos pardos peço que nos auxiliem a caminhar na direção do Pai, em meio a tantos atalhos e desvios. E que a cruz de Cristo seja nosso estandarte.

Rubem Martins Amorese

ÉTICA

1.

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES PATERNIDADE E IRA URBANA

E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.

— Efésios 6.4

Pais, não provoqueis à indignação os vossos filhos, para que não se tornem pusilâmines.

— Colossenses 3.21, cf. Pe. Matos Soares

Esses textos famosos e por demais estudados nas nossas igrejas nos sugerem, sempre, uma aplicação concordante: uma interpretação por correspondência direta. Estão falando aos pais sobre como tratar seus filhos, após haver exortado, por seu turno, os filhos à obediência e submissão. Assim sendo, são visitados toda vez que a relação entre pais e filhos entra em pauta.

Nossa proposta é que deles se lance mão, no momento, para trazer luz sobre outro tipo de relação, que poderia, num sentido mais genérico, ser enquadrado no esquema "pai-filho", tal como aquela existente entre governantes e governados; líderes e liderados; pastores (sintomaticamente chamados de padres, no meio católico) e ovelhas; chefes e chefiados; generais e soldados, e assim por diante.

Palestra proferida na II Conferência Nacional da AEvB, no Rio, sob o tema Ética Cristã e Violência Urbana, de 27 a 29 de abril de 1995.

18 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

PALAVRA AOS PAIS

Esses textos permitem-nos compreender, sem nenhum esforço, que pesa sobre o pai uma responsabilidade em relação ao seu filho. Responsabilidade essa que, não devidamente cumprida, pode acarretar consequências desastrosas: um filho pusilâmine. Um filho de alma pequena, acovardado, sem iniciativa, medroso, instável, triste, irresponsável, traiçoeiro.

Vale a pena ressalvar, desde já, que se poderiam apontar inúmeras causas para tal estado de espírito e de caráter dos filhos, causas essas nem sempre associadas ao tratamento recebido de seus pais. Mas a Palavra de Deus é sábia e trata o assunto de forma independente. Não estabelece condições nem atenuantes quando admoesta os filhos a honrarem seus pais. Assim também, não relativiza quando se dirige aos pais. Cada um de per si é responsável diante do Pai de todos.

Tal independência de tratamento nos permite, portanto, entender que não há impropriedade de nossa parte quando lançamos mão apenas da palavra dirigida aos pais. Não estamos tomando texto sem contexto.

Mas em que se aplica, então, a exortação de Paulo — de que os pais não provoquem seus filhos à ira, ou à indignação — ao tema desta Conferência? Nossa tese é que há uma relação quase direta, intuitiva.

A EXORTAÇÃO

Temos aprendido em nossas classes de Escola Dominical que os pais provocam os filhos à ira ou à indignação quando se mostram arbitrários, injustos, infiéis, irresponsáveis e outros adjetivos como estes. Não saberia dizer o que é pior: o mau exemplo ou as agressões propriamente ditas.

Um pai provoca seu filho à ira quando exige o que ele mesmo não é e não faz; o pai provoca a ira de seu filho quando lhe dá ordens absurdas, que jamais serão cumpridas; quando força sobre o filho expectativas além de sua idade ou capacidade; quando usa ilegitimamente de pressão emocional, na forma de chantagens baratas, contra as quais o filho, pela pouca idade, não tem resistências, a não ser ao penoso preço de um dilacerante rompimento emocional; quando o decepciona em sua posição de líder e de herói; quando o deixa sem modelo de virilidade,

de confiabilidade, de bondade, de honradez, de honestidade; quando, pelo seu procedimento ou omissão, leva-o a nunca confiar em ninguém, nem esperar bondade ou perdão; quando o escandaliza com torpezas; quando o abandona (seja doando-o a outra família, seja mandando-o para a rua, a mendigar, seja colocando-o numa creche tão pequeno que ele não pode sequer compreender a separação, seja colocando-o num renomado colégio interno).

Um pai provoca seu filho à ira quando o faz descer no amor; quando o espanca com descontrole ou crueldade; quando o priva da infância, obrigando-o a trabalhar para ajudar no sustento da família (quando não para sustentar seus vícios); quando lhe destrói os sonhos; quando, enfim, lhe destrói na alma tudo aquilo que se relaciona com a docura de ser criança e a segurança de ser filho. Quando as palavras "pai" e "filho" já não têm significado na psique de um jovem, encontramos ali um filho irado e pusilânime. Quando a palavra "pai" significa ausência, privação, provação, ódio ou repulsa, temos um filho de alma pequenina, um filho destinado a reproduzir, se não tiver ajuda, esses mesmos padrões aprendidos, quando vier a ser pai.

DESCOBRAMENTOS

Essa compreensão não é inédita. Nem nova. Ao contrário, é bem encontradiça nos manuais cristãos — e também nos leigos — de psicologia infantil. Sua elaboração, no meio cristão, vem cercada com textos correlatos, que trazem até mais dramaticidade ao tema. Um deles é a recomendação bíblica: "Santos sereis, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo"¹. Esse desdobramento, que traz para a discussão a paternidade divina, estabelece uma relação causal! Ou imitativa! Ou derivativa! Não importa! Importa-nos o fato de que o caráter do pai se impregna no filho de tal forma que, por um lado, da relação se abstrai um legado, uma herança, que pode ser bênção ou maldição: "tal pai, tal filho"; por outro lado, abstrai-se uma grande responsabilidade: "filho de peixe, peixinho é".

SUAS E VOSSAS EXCELÊNCIAS

Está estabelecida a base para a nossa reflexão. Cumpre-nos, agora, caminhar para nosso contexto mais próximo: a realidade da violência urbana.

20 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

PATERNIDADE SOCIAL

O nosso Hino Nacional termina assim: "Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil". Parece que a idéia de filiação está tão impregnada na alma humana que passa a designar categorias bastante abrangentes de pertencimento e identidade. Temos cantado que a Pátria é mãe que tem filhos — aqueles que nasceram em seu solo. Já repararam como alguns governantes totalitários costumam chamar seus súditos de filhos?

Talvez não valha a pena nos estendermos demasiadamente na demonstração de que as relações de autoridade, submissão e pertencimento trazem, todas elas, o arquétipo da paternidade, com implicações profundas e seriíssimas para a alma e a identidade do ser humano, seja individualmente, seja como grupo, ou mesmo povo.

O apóstolo Paulo é capaz de ver esse fenômeno, até mesmo em relação a Deus, apresentado ao mesmo tempo como Pai e padrão de paternidade, em Efésios:

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra.²

Mais prático, talvez, seja a simples constatação de que as autoridades, num sentido genérico — todavia real e concreto —, são pais, e de que as dramáticas consequências do mau exercício dessa função, conforme a exortação de Paulo, em nossos textos iniciais, também se aplicam a eles.

A paternidade humana jamais se desvincilha, antropologicamente falando, de ser um simulacro e uma reprodução reduzida da grande paternidade celestial. Dentro dessa derivação, muitas vezes inconsciente no homem secular, a paternidade (também exercida pela figura feminina) tem definições, contornos e exigências sobejamente conhecidas e universais, apesar das variações culturais.

Essa função, por outro lado, em toda a história da humanidade, sempre esteve a demandar reverência e acato. Talvez, justamente porque aponte tão claramente para o Criador e para a ordem por Ele estabelecida. Daí a recomendação do apóstolo aos filhos, no texto que precede nossos versos iniciais:

Filhos, obedecei a vossos pais, porque isso é agradável ao Senhor.

Reverência e acato também distinguiram, em toda a história, a paternidade social do governador, do chefe de um clã, dum rabino, dum pároco, bispo, pastor, profeta etc.³, cercada de autoridade, respeito e as

correspondentes honras e privilégios. Sua condição, associada à sua idade, lhe conferiam distinções naturais.

PAI E MERCADO

Hoje em dia, temos dificuldade de compreender isso, porque a lógica do mercado mudou bastante o quadro.

A paternidade natural, biológica perde, dia a dia, seu valor social. Como tudo na sociedade moderna, ela tende a ser vista como um produto, que posso querer consumir ou não. O filho, que nasce numa sociedade marcada pela opção, pela prateleira, pela cultura de supermercado, quer ter o direito de optar, também, pelos pais que vai ter. Se pode escolher a escola, o dentista, o pastor, o sabonete, a marca de tênis, porque não o pai, também? Só porque o gerou? Não é nem a mãe... Por outro lado, se o pai não "vende sua paternidade" com a qualidade dos outros produtos do mercado (leia-se: as vantagens e regalias que os pais dos amigos oferecem, ou dos fantásticos pais das novelas de televisão), ele pode perder o consumidor: seu filho.

Do minguante contingente de pais que ainda têm contato pessoal e afetivo com seus filhos, poucos são os que se entendem e são entendidos como pais, na acepção bíblica, anteriormente utilizada. Aliás, aquela acepção anda tão fora de moda que já não faltam pastores, professores e psicólogos cristãos propondo uma "releitura" da matéria.

A paternidade social, por outro lado, também está em crise. Com a democracia, desapareceram as paternidades e as correspondentes autoridades naturais: hoje você é uma autoridade, amanhã, já não é mais. Autoridades natas, de ofício ou vitalícias, para não falar em dinastias, são coisas do passado. Nem nas igrejas o modelo sobreviveu. O pastor também passa por uma eleição da igreja, que pode demiti-lo, a qualquer tempo, "ad nutum". Basta não agradar. E "agradar", aqui, relativiza qualquer conceito de unção, sacerdócio e autoridade espiritual. Os ritos de ordenação permanecem, com toda a sua pompa e beleza (afinal, precisamos deles, não?), mas em franco processo de esvaziamento. Atualmente têm mais ou menos o mesmo peso e valor das promessas de casamento.

Também o fiel tem sua prateleira cheia de opções paternais. Basta atravessar a rua. Estabelece-se, com isso, entre o pastor e a igreja, uma relação típica de prestação de serviços espirituais. Se os serviços forem de qualidade e agradarem, o pastor fica. Senão... Há muitos por aí, querendo a vaga.

22 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

SUAS EXCELÊNCIAS

Houve um tempo em que o ideal de paternidade era um ideal de excelência. Tanto no caso biológico quanto no social-religioso, ou mesmo social-secular. De uma forma geral, os pressupostos para um cargo de governador, deputado ou senador da República eram de uma personalidade excelente. Suas Excelências, os pais da nação, eram tidos como excelentes. Isso se manifestava até mesmo em seus títulos: Suas Excelências.

Ora, a excelência de vida implicava, como implica, grandes virtudes pessoais, tais como a modéstia, o anonimato, a mansidão, a temperança, a bondade, a paciência, a fidelidade, a fidedignidade, a probidade e o domínio próprio, entre tantas outras. Hoje em dia, uma pessoa com esse perfil simplesmente não ganha eleições. Não nos iludamos: nem em muitas igrejas. Não aparece! Se for realmente excelente, não será visível à sociedade de mercado. Além disso, não dá popularidade, não gera votos. Na era da eletrônica e dos holofotes, quem quer um pastor humilde, manso, de fala baixa, modesto, paciente, benigno, bondoso e vocacionado ao anonimato? Está condenado a ser transformado em "papinha" nas mãos dos tubarões eclesiásticos!

Ao contrário, escolhemos para nossos pais, aqueles que fazem uma boa propaganda de si mesmos. "Marketing" pessoal, com direito a foto colorida com a família comportada etc. Exaltam suas qualidades (quando não transformam, por seu carisma, vícios em virtude); exigem que se divulgue sua modéstia, e publicam livros intitulados: "como me tornei humilde pelos meus próprios esforços" — prefaciados pelo autor, é claro!

Esses pais são do povo. São povo, no sentido de lhes compartilhar os defeitos humanos — mas não, necessariamente, os sofrimentos e privações, porque são, invariavelmente, elite. Suas Excelências, hoje em dia, por sua própria origem e trajetória, raramente são excelentes. Na grande maioria das vezes, se essas qualidades existiram, ficaram ao longo do acidentado caminho que leva ao poder. Excesso de peso.

Uma vez empoleirados no poder, o que fazem eles? Vivem e usam sua paternidade precária e provisória com um objetivo único, exclusivo, quase obsessivo: perpetuidade. Perdem de vista sua missão, sua dignidade — e seus filhos. E, com isso, provocam-nos à ira, para nos tornarem, à custa de maltratos, pusilânimes.

EXEMPLOS DE PROVOCAÇÃO À IRA

A estar correta essa comparação entre a paternidade original, divina, e suas distorções humanas, caberiam indagações sobre a forma como se concretizam, na realidade urbana brasileira, os fenômenos da provação paterna e da conseqüente pusilanimidade filial.

Você já tentou viver com um salário mínimo? E dizem que superhomens são os vencedores do decatlo! Li, há poucos dias, de uma professora da Universidade de Brasília que decidiu tentar. Conseguiu, por pouco mais de um mês. E relata a bravura de seus irmãos e irmãs de infortúnio. Pois nossa família tem mais de sete milhões de irmãos que vivem com essa ração. Não dá para ônibus, não dá para papel higiênico, não dá para banho quente, fogão a gás, esgoto, almoço e janta (tem de optar). Nem mencionar cinema, lanchonete, sapato, médico, dentista, funerária e outros luxos e superfluidades.

Então o filho pergunta ao seu pai: por que eu tenho de ganhar tão pouco? E o pai responde: porque eu não tenho dinheiro para lhe pagar mais. Se eu lhe der mais, terei de dar também aos seus irmãos (e aposentados), e eu quebro. Aí, nem o mínimo. Entendeu? E o filho que é pacífico e cordial por natureza, mas que não é, absolutamente, otário, olha para a mansão do pai, o carro do pai e de alguns irmãos especiais: as cascatas de camarão, as festas nababescas, as casas de veraneio com cachoeiras artificiais, as viagens internacionais, os passeios de "Jet-ski", de submarino, de moto Kawasaki, de helicóptero, de caça F15; fica sabendo das toneladas de cebola, batata, feijão, arroz, milho etc. sendo jogadas fora porque apodreceram nos depósitos do governo, e desanima. Torna-se pusilâmico. Internamente, na sua alma, produz-se uma ruptura, um distanciamento desse pai, dessa família. Nada, ali, é seu; nada mais lhe diz respeito — "Eu quero é que se dane!"

Estava ouvindo uma entrevista radiofônica com um membro da ONU, a respeito das áreas de risco no mundo. O entrevistado dizia que há três países onde podem surgir conflitos internos a qualquer momento: O Egito, a África do Sul e o Brasil. O motivo desse perigo iminente é comum aos três: disparidades sociais internas tão grandes que tornam a eclosão de conflitos degenerativos muito provável.

Mas não fique desanimado. Olhe a coisa pelo lado positivo, filho. Poderia ser pior. Você poderia ser um aposentado. Nesse caso, você ganharia menos de um mínimo, e ainda não teria direito às bonificações que o governo dá aos da ativa.

24 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

E não é só. Depois de haver contribuído a vida inteira, teria de entrar na fila, dormir nela, pegar chuva e sol, para provar que realmente merece a esmola que receberá, já descontadas taxas de não sei o quê, que poderiam, se você não estivesse com sorte no dia, chegar a 90% dos seus proventos.

— Ah, você é um aposentado? Olhe, não fique indignado, nem desanimado, nem pusi... o quê? Lâmina? Olhe à sua volta. Pelo menos você não tem de pegar um ônibus de volta para casa. Vinte quilômetros até que o reumatismo agüenta. Senão, sua aposentadoria ficaria na roleta.

— E onde está o dinheiro que eu paguei a vida toda? — pergunta o filho.

— Bem, foi usado para obras prioritárias e inadiáveis. Você contribuiu para a grandeza de sua pátria...

— Que obras?

— Hã, bem, assim de cabeça... Ah! a Transamazônica... Angra I, II e III...

— Mas o rombo é de mais de cinqüenta bilhões de dólares!

— Bem, você sabe, também precisávamos construir escolas e pagar bem os professores. Afinal, as crianças são o futuro da nação.

— Construir escolas? Mas eu passei três noites na fila para matricular meu neto numa escola pública e quando cheguei no balcão me disseram que não havia mais vaga!

— Escola tem, escola tem. O problema é de distribuição. Pode ser que não houvesse vaga naquela, que você queria, mas em outra, certamente...

— Mas a outra escola está em outro bairro, a trinta quilômetros, e o salário não permite...

— Ora, filho, você já está querendo demais. Para que é que existem metrôs?

— Metrô, na minha cidade?

— Ônibus?

— Sabe a quantos quilômetros de barro fica um ponto de ônibus da porta da minha casa?

— Rádio-táxis, que a gente chama pelo celular?

— Pai, minha filha é professora! Você disse que o dinheiro da minha aposentadoria foi para ela?

— De certa forma... Se você examinar a Lei de Diretrizes Orçamentárias...

— Mas ela está recebendo menos de um salário mínimo, e há quatro meses não recebe. Ouve dizer que é proibido pagar menos...

— Filho, filho. Você não entende das coisas do Estado, de orçamento público. Olha, vamos fazer assim: confie em mim. Vamos fazer o

bozo crescer de novo e logo logo vamos fazer uma grande festa, e as coisas vão melhorar. Aliás, você nem precisa esperar. Basta tentar a sorte na loteria federal, ou estadual, ou municipal, ou na raspadinha, ou na Sena — ah! agora tem um "produto" novo no mercado: a Super Sena, da Caixa Econômica Federal. Mas se você prefere a iniciativa privada, tem o Baú da Felicidade ou o Bingo do Zico... Sua vida pode mudar hoje mesmo.

— Por falar em mudar, por que o senhor subiu a conta da água em 64%, em pleno Plano Real?

— O que importa é a saúde. Com saúde, tudo se resolve.

— Saúde? O senhor já entrou numa fila do INSS?

— Segurança! Por favor...

Pais, não provoqueis vossos filhos à ira, para que não se tornem pusilâmines.

Nossos pais nos provocam à ira quando nos lançam em prisões imundas e superlotadas, onde um indivíduo será, logo no primeiro dia, vítima de toda sorte de abusos (carne fresca) e, se sobreviver, terá de repartir um metro quadrado com mais cinco pessoas. Para dormir, ele terá de entrar numa escala, porque o chão não comporta a todos ao mesmo tempo. Só cabem na pociça de pé. Em muitos estabelecimentos penitenciários, de conhecimento público, nem sentados.

E quando seus filhos conseguem sair de lá com vida, seja por cumprimento da pena, seja por indulto, seja por fuga, trará forjada dentro de si uma fera sem entradas. Então nossos pais, que pouco entendem de vida, começam a pensar em pena de morte. Não lhes faltarão portavozes e adeptos. Boa parte constituída por filhos que viram seus filhos e filhas serem dizimados impiedosamente por essas feras saídas do inferno penitenciário brasileiro.

Muitos da mídia, ainda que não cheguem a tanto, como Boris Casoy, martelam todo santo dia por penas mais duras e pelos "rigores da lei", parecendo desconhecer que não é a crueldade da pena que dissuade o criminoso, mas a certeza dela. Você já se imaginou condenado a um único ano de cadeia? Com essa pena considerada ridícula para os padres brasileiros, se eu tivesse, em meus cálculos de custo/benefício, a certeza de que seria pego, jamais tentaria um assalto.

Mas quem falou em ser pego? Qual é a probabilidade de um "negócio bancário" ser malsucedido? Mínima! O ramo é seguro e promissor. A polícia está mal aparelhada, mal preparada, mal paga e em muitos casos disposta a colaborar, mediante algumas condições. Condições essas que ajudem este ou aquele policial a tirar seu filho da favela onde foi obrigado

26 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

a morar, porque seu pai gasta a verba da segurança plantando canteiros de flores. Lealdade? A quem? A quê? Nada que não se resolva com uma boa conversa. Também são filhos pusilânimes de pais que os abandonaram.

Nossos pais nos empurraram para a contravenção e desejam que sejamos honestos e éticos. Aprovaram leis que transformam o Estado num grande cassino e não querem concorrência. Mas ainda assim são capazes de grandes gestos de sensibilidade. Não desbaratam o jogo do bicho porque causaria grande desemprego. — Há que pensar nas famílias que vivem da atividade — argumentam. O mesmo se diga dos biscateiros, muambeiros, doleiros, doceiros, costureiros, camelôs, guardadores de carro (que já estão exigindo pagamento antecipado) e tantos outros meios de vida que já somam mais de 50% da mão-de-obra empregada no Brasil, e florescem no lusco-fusco de uma legalidade criada por uma paternidade maculada, interesseira, gananciosa e elitista, além de fraca, trôpega, confusa, contraditória e culpada.

Onde o tempo para falar dos demais filhos dessa família? Dos moradores de rua? Dos menores abandonados? Dos velhos? Dos prostituídos? Dos doentes? Dos aidéticos? Dos desempregados? Dos excluídos, enfim, que são quase metade da população do nosso país, que hoje perambulam como almas penadas pelas grandes metrópoles, comendo lavagem de porco (quando são felizes), vestindo trapos e dormindo nos becos e nas saídas de ar viciado — mas aquecido — das estações de metrô e ônibus?

Onde o tempo para falar dos impostos escorchantes, que não tapam buraco de rua, nem viram escola, nem hospitais, nem nada que beneficie os chamados contribuintes? Impostos sobre renda, que não tributam a renda, mas somente o salário, que não tem como fugir do leão. E na grande maioria dos casos, salário vil. Já ouviu falar do disquete-anzol? A Receita lhe pede para declarar em disquete e, quando você o faz, aproveita o sistema informatizado para jogá-lo na malha fina. Aí, você fica pusilânime: declara a mão, e com garranchos! Eles que entendam minha letra. Não há lei que me obrigue a ter boa caligrafia.

Onde o tempo para falar do uso que meus pais fazem do meu dinheiro para distribuir camisinhas para um povo que nem sabe mais que o que ele chama de "brincar com segurança" nada mais é que pura promiscuidade? Eu sou do tempo em que "brincar com segurança" era não subir no telhado. E das seringas descartáveis para drogados? Por que não vão um pouco mais adiante, e distribuem também cocaína certificada, para evitar que os filhos drogados morram com injeções de lixo na veia? Mas não há tempo.

SOB O SIGNO DO ESCORPIÃO

O final da linha da pusilanimidade filial, a meu ver, é o que chamo de síndrome do escorpião. Dizem que, quando acuado e sem saída, o escorpião volta-se contra si mesmo e dá uma picada fatal na cabeça. Não importa se é verdade ou não. Quando os filhos não encontram mais saída e esperança diante dos desvários de seus pais, que os têm por idiotas e otários, acabam por dar uma picada na própria veia.

Entendo uma pichação de placas de trânsito, destruição de orelhões, cercas, monumentos, estátuas, chafarizes etc. como sinais da síndrome do escorpião. Muitos dos assaltos, assassinatos, seqüestros e delinqüências têm a ver com pusilanimidade. A falta de solidariedade, de paternidade segura e correta produz um exército de filhos desorientados. Escorpiões violentos, asquerosos e peçonhentos. Filhos quase irreconhecíveis.

O rompimento dissimulado do contrato social, pelo qual desaparecem conceitos de honra e vergonha, sobre os quais se construirá todo um edifício legal; e a corrupção dos valores mestres de uma civilização levam as relações entre pais e filhos a se resumirem ao modelo "Tom e Jerry": gato e rato. Os gatos, por algum motivo misterioso, acham que são donos, ou representantes dos donos do espaço. Produzem sistemas de pega-ladrão, criando leis e artifícios que saneiem esta ou aquela espeerteza dos ratos invasores e indesejados. Estes, por sua vez, especializam-se em encontrar buracos nesse sistema. E, à medida que crescem os preceitos, tornam-se auto-anulantes e contraditórios, tornando tudo muito confuso para todos, e facilitando o serviço dos ratos. Chega ao ponto de termos, no Brasil, em vigor, mais de cento e vinte e três mil leis, e ninguém ser capaz de dizer o que significa aquele artigo final, obrigatório em toda lei: "revogam-se as disposições em contrário"; porque, se fosse levado a sério, nossas leis poderiam ser todas revogadas umas pelas outras.

Não há mais honra, não há mais vergonha, conceitos subjacentes a qualquer sistema jurídico. Com honra, não se precisa prever cada movimento do cidadão, mas apenas orientá-lo quanto ao sentido do pacto social que rege a família. Você já pensou no que significa a expressão "a grande família brasileira"? Existe isso? Não há mais pais, nem filhos. Não há mais futebol. Restou apenas a arte de bater sem ser punido. Até mesmo na arquibancada! O que importa, agora, é vencer a guerra da cidade! Cada um cuide de si. Se não puder encontrar uma brecha na lei, simplesmente transgrido-a. E quando eu me encontrar sem saída, pior para mim. Tomo uma overdose. É a vida.

28 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

A RESPOSTA CRISTÃ

Qual é a saída?

Certamente muitas idéias e propostas já estarão circulando nesta Conferência. Outras estarão sendo desenvolvidas nas consciências, à medida que as provocações prosseguirem. Saídas de ordem prática, conceituais ou orientadas a uma ação imediata. Idéias de saída não hão de faltar.

Gostaria de apresentar uma contribuição, seguindo a linha já esboçada até aqui. Há de ser uma proposta cristã, destinada a homens de boa vontade.

Nossa proposta é a de enfocarmos a ética sob o prisma da aliança. A aliança seria, por conseguinte, o embasamento da ética cristã.

A situação de violência urbana em que vivemos apresenta-se como um forte indicativo de que falharam todos na preservação de uma legalidade hipócrita e leonina; uma legalidade de privilegiados e de excluídos; uma legalidade com redação moderna e atual, mas com ranço de escravatura, discriminação, totalitarismo, dominação e elitismos, os mesmos temperos que deram gosto ao domínio dos Capitães-mores, dos Coronéis e dos Senhores-de-Engenho, nossos pais de antanho, cujos filhos hoje se empoleiram nos centros de poder, inatingíveis e inexpugnáveis. Conseguem se perpetuar, até mesmo com o auxílio de nosso voto livre e soberano, que, de tão acostumado, não estranha a permanência do velho cabresto, travestido agora de promessas eleitoreiras, a ferir o canto da boca das consciências.

Quando todos desconfiam de todos, e não vigoram mais conceitos como os de honra e vergonha, todas as possibilidades de movimentos têm de ser previstas no contrato. Tudo o que meu contratante puder pensar para me prejudicar tem de estar previsto e proibido. No país da pusilanimidade uma constituição federal não pode ser sintética. Tem de ser analítica e com tantos artigos e parágrafos quantas forem as possibilidades de interpretação interesseira e contrária ao espírito da lei.

No entanto, para fabricá-la, são necessários "pais" que, como vimos, provêm do povo. São também filhos. E nada excelentes. No caso da nossa Constituição Federal de 1988, vinte e quatro horas após a votação e aprovação do Regimento Interno da Constituinte, este já havia sido transgredido pelos próprios constituintes dezenas de vezes. Está nos jornais da época.

A ética da legalidade, do contrato, da lei, conforme o apóstolo Paulo ensina aos Gálatas⁴, só é capaz de produzir esse tipo de efeito. Ele afirma essa compreensão com estas palavras:

E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque "o justo viverá pela fé". Ora, a lei não procede de fé, mas: "Aquele que observar seus preceitos por eles viverá".

O argumento do apóstolo é que a lei — o contrato baseado em condições de ambas as partes, do tipo: se você não fizer isto, eu não faço aquilo; se você fizer aquilo outro, eu tenho o direito de fazer isto — não é base aceitável para uma relação entre pai e filho.

Não é assim que a paternidade divina se manifesta e se propõe como modelo para a nossa. Ao contrário, essa paternidade se apresenta mediante uma aliança voluntária e incondicional estabelecida entre Deus e os homens. Uma aliança que não tem sua origem em exigências, nem se estabelece a partir do cumprimento de condições, mas alicerça-se, simplesmente, em amor. Solidariedade, se preferirem um termo mais sociológico. Uma aliança que não estabelece condições para existir, porque se baseia em graça.

Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.⁵

Nas relações do grande Pai com seus filhos, as obrigações existem. Mas essas obrigações da graça não são condições para a própria graça.

Há um "se" na graça — "se amares o Senhor", "se ouvires a sua voz", "se o buscares de todo o coração" —, mas esse "se" jamais se apresenta como condição para a graça.

A lei, então, ainda que tenha o seu lugar, jamais poderá substituir a graça. Ao contrário, terá de lhe ser consequência e subalterna.

O retorno à lei da graça é capaz de nos devolver a humanidade nas relações filiais e fraternais. Se houver um pai amoroso, acima de tudo, gracioso em sua grandeza e excelência, justo na distribuição de seus bens, então seremos uma sociedade mais fraterna com mais chances de poder nos chamar de irmãos.

Evangelizar uma sociedade urbana violenta como a das metrópoles brasileiras, entre outras coisas, é provar-lhe, pelo "testemunho do Cordeiro", pela vida cotidiana da igreja, que ainda é possível viver uma boa relação entre pai e filho; uma relação saudável e graciosa. E o juízo há de começar pela casa de Deus.

A igreja plantada nos centros urbanos é chamada a ser uma sociedade que não se alicerça em contratos e proibições que entulham os cartórios poeirentos, mas em uma aliança duradoura, que se inicia, quase sempre, unilateral e incondicionalmente, com uma atitude de origem divina, que se materializa em atos concretos da parte do pai; atos de entrega e doação; muitas vezes de grande humilhação. Atos de graça dispendiosa e cara. Atos de amor.

30 — EXCELENTÍSSIMOS SENHORES

CONCLUSÃO

Se a nossa igreja souber viver essa ética da aliança da graça, que diante de seus filhos delinqüentes e rebeldes se partiu como pão e se derramou como vinho; se, a partir de nossos "pais", pastores e líderes, ouvirmos a voz de Deus e, seguindo seu exemplo vicário, desenvolvermos uma paternidade responsável em nosso meio; se conseguirmos, pela própria misericórdia e graça de Deus, estabelecer com nossos filhos pródigos uma aliança, ainda que inicialmente unilateral, custosa, e até humilhante, no sentido de fornecer-lhes os elementos mínimos de afeição, identidade e segurança que necessitam para crescer sadios, então, teremos condições morais de voltarmo-nos para as autoridades de nosso país e dizer-lhes, em nome de Jesus:

Excellentíssimos Senhores, "não provoqueis vossos filhos à ira"⁷ urbana, ... "para que não se tornem pusilânimes"⁸.

NOTAS

¹ Levítico 19.2.

² Efésios 3.14, 15.

³ Veja Romanos 13.

⁴ Gálatas 3, em especial os versos 11 a 14.

⁵ Romanos 5.8.

⁶ Apocalipse 12.11.

⁷ Efésios 6.4.

⁸ Colossenses 3.21.